



ACONTECIMENTOS ANTROPO{GRÁFICOS}: EXPERIMENTAÇÕES COM PALAVRAS, ENTRE AGENCIAMENTOS E MUNDOS POSSÍVEIS

Jonathan Taveira Braga¹
Elaine Schmidlin²

Resumo

Este texto propõe a antropofagia como horizonte conceitual no pensamento da diferença e apresenta algumas contribuições estéticas em torno dos processos de formação e da produção de subjetividades na contemporaneidade. Escritas e experimentações, como relações inventivas entre o território da arte e a formação docente, foram propostas em momentos-oficinas intitulados: *Antropo{grafias}* – *ateliê de devorações escritas*. Tais momentos possibilitaram práticas cartográficas e um ensaio para a questão: pode uma escrita-força produzir outros modos possíveis de mundo? Com essa inquietação e vivências, acontecimentos *antropo{gráficos}* acionaram movimentos de criação e de partilhas em encontros com imagens, sons e palavras, proliferando exercícios intensivos de escuta e de constituição de si.

Palavras-chave: Formação. Subjetividade. Cartografia. Antropofagia. Escrita-força.

ACONTECIMIENTOS ANTROPO{GRÁFICOS}: EXPERIMENTACIONES CON PALABRAS, ENTRE AGENCIAMIENTOS Y MUNDOS POSIBLES

Resumen

Este texto propone la antropofagia como horizonte conceptual en el pensamiento de la diferencia y presenta algunas contribuciones estéticas en torno a los procesos de formación y la producción de subjetividades en la contemporaneidad. Escrituras y experimentaciones, como relaciones inventivas entre el territorio del arte y la formación docente, fueron propuestas en momentos-talleres titulados: *Antropo{grafias}* - *taller de devoraciones escritas*. Estos momentos permitieron prácticas cartográficas y un ensayo para la pregunta: ¿puede una escritura-fuerza producir otros modos posibles de mundo? Con esta inquietud y vivencias, acontecimientos *antropo{gráficos}* activaron movimientos de creación y compartieron experiencias en encuentros con imágenes, sonidos y palabras, proliferando ejercicios intensivos de escucha y constitución de sí mismos.

Palabras-clave: Formación. Subjetividad. Cartografía. Antropofagia. Escritura-fuerza.

¹ Docente de Artes Visuais no Instituto Federal de Santa Catarina, campus Criciúma, e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina na linha de Ensino das Artes Visuais E-mail: <jonathan.braga@ifsc.edu.br>.

² Docente no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/ UDESC) e no curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais (DAV/ UDESC). E-mail: <s.elaine@gmail.com>.

Na jornada do existir, “tudo que respira quer comer” – anuncia a música de Carlos Careqa³. De modo ininterrupto, Suely Rolnik⁴ pega a deusa pela boca e propõe a antropofagia como política dominante de resistência e de criação: “tragar o outro como presença viva, absorvendo-o no corpo de modo que as partículas de sua admirada e desejada diferença seja incorporada à alquimia da alma e assim se estimule seu refinamento, sua expansão e o devir de si mesmo”. Adriana Calcanhotto⁵ ainda convoca a todos a “comer Caetano”, pela frente, verso, cru; até “revelarmo-nos”. E o mesmo Caetano⁶, já digerido, também se pergunta, “o que pode e o que quer essa língua?”.

Trata-se de proposições sonoras que atravessam espaços de experimentações e vivências com/entre as palavras, caracterizadas como momentos-oficinas e intituladas de *Antropo{grafias} – ateliê de devorações escritas*⁷. Na possibilidade de configurar atenção por contribuições estéticas para processos formativos e transformativos docentes, o presente texto busca compor o ambiente investigativo que contempla esses laboratórios propositivos e itinerantes. Essa composição traz como prerrogativa uma perspectiva imanente de criação e de

³ Canção que intitula o álbum *Tudo Que Respira Quer Comer*, 2009, de Carlos Careqa.

⁴ Conferência Antropofagia Zumbi, de Suely Rolnik, apresentada no Encontro Internacional de Antropofagia (EIA), no Sesc Pompéia, São Paulo, em dezembro de 2005. Direção de Zé Celso Martinez Correa e curadoria e direção artística de Beatriz Azevedo.

⁵ Canção *Vamos Comer Caetano* de Adriana Calcanhotto, do álbum *Maritmo*, de 1998.

⁶ Canção *Língua*, de Caetano Veloso, do álbum *Vêlo*, de 1984.

⁷ *Antropo{grafias} – ateliê de devorações escritas*: o termo antropo{grafias} surge do encontro entre o termo ‘antropofagia’, proposto por Oswald de Andrade durante o movimento modernista brasileiro, e ‘grafias’ (escritas ou inscrições). Trata-se dos últimos momentos-oficinas (2018-2023) de uma série de trabalhos vivenciais, iniciada em 2012 e ministrada com diferentes nomes em distintos contextos, os quais têm a questão da escrita, da cartografia e da formação docente – vista como experiência e produção de subjetividades – como eixo teórico-prático propositivo. São esses momentos específicos recortados entre a trajetória de proposição nos ateliês de devorações escritas: III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação (UNESC/ Criciúma/ SC, Maio de 2018); V Seminário Imago (UNESP/ Rio Claro/ SP, agosto de 2018); IV Encontro Nacional de Professores de Arte dos Institutos Federais (IFPR/ Curitiba/ PR, maio de 2019); IV Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação (UNESC/ Criciúma/ SC, agosto de 2021 - formato *on-line*); IX Ciclo de oficinas Auetu (formato *on-line*, setembro de 2021); XI Colóquio Internacional de Filosofia e Educação (UERJ/ Rio de Janeiro/ RJ, novembro de 2022); Disciplina de Didática da História, do curso de Licenciatura em História (UDESC/ Florianópolis/ SC, 16 de maio de 2023); Disciplina de Organização Escolar do curso de Licenciatura em Letras/ Português (UFSC/ Florianópolis, 18 de maio de 2023); Disciplina Organização Escolar do curso de Licenciatura em Filosofia (UFSC/ Florianópolis, 23 de maio de 2023); encontros de experimentação com o Grupo de pesquisa Ágora (UPTC/ Tunja/ Colômbia, março a agosto de 2023 - formatos *on-line* e presencial).

relação com o mundo, exercitando um pensamento em torno de uma escrita-força que também atravessa as dinâmicas de produção nos ateliês *antropo{gráficos}*. Nesse plano de composição e de invenção, uma questão se apresenta e inquieta: o que pode uma (grafia) *escrita-força* (antropofágica) para a produção de outros modos possíveis de mundo?

Na imanência dos cenários urgentes

Na intenção de compor um ambiente em que questões de desejo e de vida se fazem presentes por esforços políticos na produção de subjetividades, Suely Rolnik busca compreender uma dimensão vibrátil como o possível do mundo para escapar da crise que arrasa terras, sonhos, vontades e partilhas. Em seus apontamentos há uma atenção constante para os embates presentes no campo das micropolíticas, muitas vezes capturado e adoecido pela lógica de envolvimento neoliberalista em sua face mais abstrata e cruel. Segundo Rolnik (2018, p. 37), um regime de inconsciente estaria no centro de investimentos de um capitalismo financeirizado, dominante, colonial e cafetino, produzindo uma série de sintomas pelo modo abusivo com que mobiliza forças vitais de criação e de cooperação.

Pensar essas forças parece urgente neste cenário, pois ambas mobilizam não só a afirmação de determinado mundo como possibilitam a invenção de outros. Se há estratégias para conformar desejos a práticas vigentes, há também outras que pretendem conduzir para lugares de estranhamentos e de inquietações ainda não nomeadas e perceptíveis, pois são de outra ordem e qualidade. A começar pela própria ideia de criação presente nos discursos sobre inovação e empreendedorismo sob a cunha de criatividade. Como sugere Paola Zordan (2010), por todos os lugares comuns que a palavra criatividade possa nos carregar e tencionando já um exercício de estranhamento e de inquietação, em vez de falarmos em criatividade pensemos a potência do acontecimento criar. Conforme Zordan (2010, p. 63), pensar o criar enquanto acontecimento produtor de diferença estaria distante das ações de formar, estruturar, significar, comunicar, presentes nas “dimensões cognitivistas, ontológicas e fenomenológicas dos estudos sobre criação”. O criar, e a

sua “filha” criação, numa via imanente, se esforçaria por uma produção de diferença distante da afirmação de identidades e representações.

Com Gilles Deleuze podemos pensar que criar numa perspectiva produtora de diferença, antes de pretender a irrupção do novo ou o nascimento de alguma novidade no mundo, está mais próxima da ação de diagnosticar as forças em jogo numa superfície de criação. Tratando da pintura antes do ato de pintar, Deleuze propõe que a ação do pintor seria menos a de preencher uma superfície branca do que “esvaziar, desimpedir ou limpar uma superfície” (DELEUZE, 2011a, p. 151). Antes de reproduzir algo do mundo que funcionasse como modelo, o pintor busca, ao contrário, dismantelar as relações entre pintura e mundo, surpreendendo as conexões que se querem verdadeiras, similares, coerentes com as formas naquela superfície branca e já previamente povoadas por marcas e identidades.

A luta contra o clichê, contra o povoamento prévio das superfícies, é também uma luta por se diferenciar de relações cansadas e recorrentes entre as coisas e as suas representações. Talvez aí já se configure alguma resistência. Pois, ainda nos propõe Deleuze que “criar não é comunicar mas resistir” (DELEUZE, 1992, p. 179). E resistir às forças já presentes em determinada superfície de criação consiste numa atenção importante para olhar o modo abusivo com que estratégias de um “inconsciente colonial-capitalístico-cafetinístico” (ROLNIK, 2008) se apropria das potências de invenção e as desassocia daquelas de resistência. Dissociar criação e resistência seria o projeto macropolítico contemporâneo da produção de desejos, gerando e alimentando diferentes transtornos na atualidade, sintomatizando um ambiente de crise das subjetividades: um estado de adoecimento do sensível (ROLNIK, 2008).

Por uma teoria das forças

No esforço de construção de sua microestética, Marcos Villela Pereira (2016) aponta que acessar o plano das forças, as quais atravessam superfícies de criação e de espaços de cooperação, passa pela compreensão da estética da existência como “relação de poder criativo entre forças em um plano invisível, acessível por

mergulho radical em si e rápido deslocamento de foco, da identidade para a subjetividade” (PEREIRA, 2016, p. 182). O trabalho sobre o plano de forças dá-se entre aquelas que recuperam marcas, trajetórias, vontades transcendentais, e aquelas que produzem outras figuras de existência, torções e abandonos representativos, imanência.

Ao separar as esferas macro e micropolíticas da experiência subjetiva, das formas e das forças que alinham e desalinham a existência e a produção de vida, Suely Rolnik (2018) assim resume essa perspectiva imanente e fora-do-sujeito:

Em nossa condição de viventes somos constituídos pelos efeitos das forças do fluxo vital e suas relações diversas e mutáveis que agitam as formas de um mundo. Tais forças atingem singularmente todos os corpos que o compõem – humanos e não humanos –, fazendo deles um só corpo, em variação contínua, quer se tenha ou não consciência disto. Podemos designar esses efeitos por “afetos” (ROLNIK, 2018, p. 110-111).

Uma experiência extrapessoal, extrassensorial, extracognitiva – “‘saber-do-corpo’ ou ‘saber-do-vivo’, um ‘saber-eco-etológico’”, complementa Rolnik (2018, p. 110-111).

Aceder ao plano das forças consiste na abertura da experiência para além do sujeito perceptivo, cognitivo, psicológico e familiar, visando um estado de estranhamento enquanto saber sobre si, virtual, temporário, em variação e processo de transmutação contínua – saber vibrátil, para compor com os corpos flexíveis sugeridos por Rolnik. Alcançar o plano das forças nas diferentes relações com os mundos, concretos e possíveis, tem a ver com o lugar da experiência como ligação entre o sujeito e o seu fora. Seria, nesse hiato em que se aloja a experiência, o intervalo tumultuoso que nos permite não somente decifrar as formas, mas também captar os sinais das forças que agitam as apreensões do mundo e provocam outros efeitos para os encontros estabelecidos, outras maneiras de ver e de sentir, fora e além do sujeito.

Ainda nos trilhos de Rolnik, esvaziando a carga psicológica e individualizante dos processos de subjetivação, o espaço de uma experiência imanente requer distinguir os sentidos transcendentais das ações de ver e de sentir, uma outra atenção sensível. Sobretudo, subvertendo a lógica perceptiva para o termo percepto



– “atmosfera que excede as situações vividas e suas representações”; e a lógica da afeição para o verbo afetar – “tocar, perturbar, abalar, atingir; sentido que, no entanto, não se usa em sua forma substantivada” (ROLNIK, 2018, p. 53). Experiência de apreciação do entorno mais sutil, perceptos e afetos, nessa leitura, “não têm imagem, nem palavra, nem gesto que lhes correspondam – enfim, nada que os expresse – e, no entanto, são reais, pois dizem respeito ao vivo em nós mesmos e fora de nós” ROLNIK, 2018, p. 53).

Espaço de disputas micropolíticas, campo de embates e de negociações em que se desenham as políticas capazes de afirmação da vida em suas múltiplas possibilidades. Se pretendemos nos situar dentro de uma lógica das forças, antes que das formas, precisamos nos atentar para o que pode conter de pensamento nessa outra instância de experimentar e de produzir com o mundo: um pensamento também força.

Para Gilles Deleuze (2018) buscar a consistência de um *pensamento-força* atravessa a configuração de uma problemática do sentido e da produção de valores. Nessa lógica, nenhuma força se encontra sozinha à deriva. Se há uma essência na lógica das forças, essa só poderia se expressar por meio de sua multiplicidade: “toda força está, portanto, numa relação essencial com outra força. O ser da força é o plural; seria rigorosamente absurdo pensar a força no singular” (DELEUZE, 2018, p. 15). Sendo, portanto, a força constituída na relação com outras forças, o composto resultante desse embate irreduzível só poderia se dar por exercício de ações sobre ações, em mútuo acordo de sobreposição, disjunção e redirecionamentos. Força sobre força – **entre-forças** – que sugere a produção de atritos e que possibilita a indução de movimentos que hora dominam, ora são dominadas.

Em tais apontamentos, ressoam maneiras de adensar práticas inventivas, cooperativas, intensivas, numa qualidade ativa e vontade afirmativa para a proliferação de dinâmicas capazes de devir ações: um pensamento ético. Perseguindo uma teoria das forças encontramos um fora da subjetividade como experiência-limite, políticas do desejo, problemáticas dos sentidos e valores. A experiência-limite que, segundo Blanchot, é aquela que Georges Bataille denominou



“a experiência interior”, como sendo “a resposta que encontra o homem quando decidiu se pôr radicalmente em questão” (BLANCHOT, 2007, p. 185). Nesse percurso pelo, muitas vezes, inacessível, atravessamos os territórios do imaginário, do não sabido, das sensações extras – extra-pessoal, sensorial, sentimental, cognitiva – para uma atenção vibrátil por entre perceptos e afetos em que uma lógica das forças intenciona um pensamento pela diferença. Questões de interpretação das direções e da avaliação de suas respectivas qualidades. Questões que abordam as relações com o mundo, com o outro do mundo, com uma espécie de exercícios e de ações que colocam em jogo políticas de alteridade: uma outra existência é possível? Tornar-se outro ainda é possível? Que outro há nesse possível?

O mundo com *outrem*

Captar os sinais das forças que atravessam superfícies de criação e espaços de cooperação passa pelos efeitos dos encontros sobre determinada subjetividade. Encontros esses “com gente, coisas, paisagens, ideias, obras de arte, situações políticas ou outros etc. –, seja presencialmente, seja pelas tecnologias de informação e comunicação à distância ou por quaisquer outros meios” (ROLNIK, 2018, p.53). O fato, segundo Rolnik (2018, p.53), é que tais encontros e seus efeitos resultam em “mudanças no diagrama de vetores de forças e das relações entre eles, produzindo novos e distintos efeitos”; introduzindo outras maneiras de ver e de sentir. Resultam ou possibilitam, pois um movimento reativo de manutenção e de preservação das forças vigentes são estratégias constantes de captura e de modulação.

Na busca pela qualidade das forças que rondam os encontros no mundo, Gilles Deleuze (2011b, p. 317-318) apresenta “outrem” enquanto “a estrutura que condiciona o conjunto do campo” da percepção: “outrem como estrutura, é a expressão de um mundo possível”. Trata-se de um estado das coisas, o qual escapa à personificação do objeto percebido ou do sujeito que percebe para compor um lugar do entre como força possível inseparável de sua própria expressão. Produção

de efeitos de vizinhança na presença de *outrem*, distinção entre consciência e seu objeto, abertura para outros mundos:

Povoando o mundo de possibilidades, de fundos, de franjas, de transições, – inscrevendo a possibilidade de um mundo espantoso quando ainda não estou espantado ou então, ao contrário, a possibilidade de um mundo tranquilizante quando, eu, me encontro realmente assustado com o mundo, – envolvendo sob outros aspectos o mesmo mundo que se mantém diferentemente desenvolvido diante de mim, – constituindo no mundo um conjunto de bolhas que contêm mundos possíveis: eis o que é *outrem* (DELEUZE, 2011b, p. 319).

Deleuze nos apresenta a categoria *outrem* do mundo como certa intensidade para a transformação a partir das exterioridades, das relações, dos encontros que suscitam outras possibilidades “em torno a e por dentro de dada composição” (PEREIRA, 2016, p. 187). Composição que é povoada por atividades irruptivas, por evidências de domínios estranhos e estrangeiros, configurando uma alteridade como “campo de emanção dessa força interferente, qualquer que seja sua natureza” (PEREIRA, 2016, p. 187). Para Marcos Villela Pereira, *outrem* e sua proposta de alteridade anunciam o possível do mundo,

uma utopia alcançável, não por sua potência intrínseca de tornar-se algo efetivamente, mas, antes, pela potência interferente que possui, pela afecção latente que pode produzir uma nova marca ou reativar alguma marca já existente e, assim, vir a ser (PEREIRA, 2016, p. 187).

Atenção às marcas interferentes, ao que pode surgir por entre processualidades relacionais, perturbadoras muitas vezes, as quais compõem uma perspectiva microestética de constituição e de produção de si mesmo pela experimentação de linhas sensíveis e cartografáveis, inseparáveis de processos que se querem transformativos.

Cartografia como relação entre mundos

As marcas, resultantes de uma relação intensiva com *outrem*, portam um modo próprio de se configurar como território, podendo compor arranjos temporários e outras estratégias específicas de vivências e de partilhas. O procedimento da

cartografia entra nessa relação como uma ferramenta importante na configuração de uma subjetividade aberta aos fluxos e às forças, sensível também as formas em processos de transformação (COSTA, 2014).

A apropriação da palavra cartografia e o procedimento cartográfico do campo da Geografia, para Gilles Deleuze, estão ligados, principalmente, a uma experimentação do pensar. Segundo este, as linhas são elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos, e como tal, podem ser abstratas ou não, segmentadas, dimensionais, direcionais (DELEUZE, 1992, p. 47). Numa extremidade, as linhas articulam-se, segmentam-se, estratificam-se, territorializam-se – campo das formas; em outra, escapam, fogem, borram, desconfiguram, produzem vibrações – campo das forças. Nesta última possibilidade, as linhas delineiam uma experimentação ancorada no real, e não no contorno de suas representações; encontram-se em contexto de abertura, conectáveis em múltiplas dimensões, desmontáveis e suscetíveis de constantes modificações.

Essas linhas de forças e de fugas apresentam-se em estado de vulnerabilidade: rasgos, reversões e adaptações de qualquer natureza espreitam outros possíveis e ganham corpo, possibilitando contágio e contaminação. Podem também ser preparadas por indivíduos, grupos e formações sociais. E podem ser desenhadas em uma parede, enquanto obra de arte, e construídas como ação política ou meditação (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22). Tais linhas cartográficas compõem-se de agenciamentos, que podem ser estratificados, portanto molares, reduzindo a experimentação do desejo a uma divisão preestabelecida; ou então, moleculares, em que somos apanhados por um certo desequilíbrio que nos faz fugir do agenciamento que nos estratifica, liberando um poder de afecção que torna possível trazer de volta a potência de sentir e de pensar (ZOURABICHVILI, 2004).

Numa perspectiva de experimentação, os agenciamentos, esses compostos de linhas de articulação e linhas de fuga, os quais traduzem velocidades e intensidades em meio a um processo cartográfico (ZOURABICHVILI, 2004, p. 8-11), enriquecem a concepção do desejo como problemática de produção: possibilidade de tornar visível algo invisível. Como as paisagens psicossociais: “a cartografia,

nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros” (ROLNIK, 2007, p. 23).

Por natureza, agenciamentos cartográficos seriam da ordem do acontecimento, impossibilitando previsões e controles. “O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera” (DELEUZE, 2011b, p. 152). Tal procedimento não é visto como uma metodologia rígida com etapas pré-formuladas, mas possibilita uma efetuação cósmica e física que libera uma linha abstrata ao inventar instrumentos para o relato sobre as experiências atravessadas em um determinado campo de atuação e de relação com o mundo. Uma prática atenta à experimentação: “há que se configurar uma maneira de dizer capaz de expressar a força da experiência” (FARINA, 2008, p. 11). Esse caráter flexível requer atenção ao vibrátil; atenção aos processos de singularização presentes em cada situação como “possibilidades de acoplamento e conexão junto ao ambiente em que se busca inserir, atuar, tornar visível” (BASBAUM, 2007, p. 78). Trata-se, sobretudo, daquilo que acontece e só pode ser produzido a partir de encontros, de bons encontros... Trata-se de exercitar uma teoria das forças, constituir um corpo sensível à criação como resistência em um contexto de adoecimento da subjetivação. Trata-se do estar-juntos na travessia de acontecimentos produtores de diferença.

Escuta como produção antropofágica

Se tratamos sobre outras possibilidades das coisas e do mundo, suas múltiplas estratégias de aproximação e de diferenciação, tratamos de um território – cartográfico e cartografável – ético-estético-político dos exercícios de alteridade em seus embates profícuos entre formas e forças. Nessa perspectiva, conforme Rolnik:

Pensar consiste em “escutar” os afetos, efeitos que as forças da atmosfera ambiente produzem no corpo, as turbulências que nele provocam e a pulsação de mundos lavrares que, gerados nessa fecundação, anunciam-se ao saber-do-vivo; “implicar-se” no movimento de desterritorialização que tais germes de mundo disparam; e, guiados por essa escuta e essa implicação, “criar” uma expressão para aquilo que pede passagem, de modo que ganhe

um corpo concreto. Os efeitos do pensamento exercido dessa perspectiva tendem a ser: o “contágio potencializador” das subjetividades que o encontram, ou mais precisamente, sua “polinização”; a “transfiguração” da superfície topológico-relacional de um mundo em sua forma vigente pela irrupção desse corpo estranho em seu contorno familiar; a “transvalorização” dos valores que nele predominam (ROLNIK, 2018, p. 91).

Escutar, implicar e criar são as ações propostas por Rolnik para o trato com as políticas de alteridade presentes numa lógica das forças, em sua problemática do sentido e da produção de valores. Um mundo-em-obra, em processo e composição de linhas; mundo-outrem povoado de possibilidades espantosas e/ou tranquilizantes, situado entre formas e forças, convocando respectivamente percepções e afetos. Seguindo Rolnik (2021, p. 28), apreender o outro como forma e percepção nos traz “um modo de expressão sobre o qual projetamos um sentido, a partir de sua associação com representações, sejam elas palavras, imagens”; já apreender o outro como força e afeto nos traz uma presença viva desse outro sobre a configuração de nossa própria subjetividade-corpo, um coeficiente de vitalidade submetido ao crivo avaliativo de um efeito de intensificação ou de enfraquecimento compositivo.

O efeito desta presença viva em nós não tem linguagem que o expresse; teremos que criá-la em um processo cujo resultado é sua performatização numa obra de arte, num modo de existir, sentir ou pensar, numa forma de sociabilidade, de sexualidade, etc. (ROLNIK, 2021, p. 28).

Em outros termos, uma cartografia-outrem caracteriza-se por ativar certa “capacidade de decifrar os efeitos das forças ambientes no corpo e de estar à escuta do sinal de alerta, acionado a cada vez que a dissonância entre tais efeitos e as formas de expressão vigentes ultrapassa o limite da tolerabilidade” (ROLNIK, 2021, p. 50).

Escutar as forças do mundo, atentando-se à qualidade vibrátil de uma subjetividade-corpo, tem pontos de contato com determinado modo antropofágico para olhar as relações entre criação, resistência e cooperação presentes no ambiente cultural contemporâneo, sobretudo ao que se refere aos processos de subjetivação. Para além do Movimento Antropófago – teorizado por Oswald de Andrade durante a primeira metade do séc. XX e estendido para práticas artísticas e

culturais de fim de século, como o Tropicalismo –, um coeficiente antropofágico, sob o signo da devoração, configura certa presença e atenção a uma multiplicidade fundamental do mundo (STERZI, 2022, p. 83).

Nos termos de uma política de subjetivação, Rolnik trata este modo antropofágico designando-o, antes de um ingrediente procedimental a ser acrescentado a determinada relação com o mundo, como um certo estado em que as coisas se atravessam, retroalimentam-se, potencializam-se ou reduzem seus campos de ativação e de potência para a produção de uma máquina inconsciente devoradora: as micropolíticas antropofágicas. Em termos de uma micropolítica antropofágica fala-se em processos de produção de subjetividades, e suas sensibilidades adjacentes, que se querem flexíveis para circular por diferentes mundos e seus repertórios, produzindo outros agenciamentos e estabelecendo outros territórios e suas respectivas cartografias. Uma experimentação que produz um tipo de subjetividade capaz de incorporar “a tensão da disparidade que constitui como temporalidade; ou seja, trata-se de uma subjetividade que se cria e recria em processos de singularização, a partir de seu atravessamento pelo outro” (ROLNIK, 2021, p. 50).

A questão da relação com o outro é central nos discursos em torno da antropofagia, estejam eles em seus momentos antropológicos, fundadores das intenções modernistas e seus desdobramentos artísticos mais recentes, ou no contexto contemporâneo da produção de desejos. Para Márcio Sales (2014) pensar a antropofagia seria pensar sua dimensão conceitual, antes que simbólica e literal. E isso estaria além da intenção de colocar o outro numa estratégia de assimilação e de representação. Segundo Sales (2014, p. 280), falar em devoração não configuraria um sentido metafórico, pois um “corpo devora outro corpo como acontece na alimentação, na degustação de um texto, no jogo dos afetos. Dizer que a vida é devoração não é uma figura de linguagem, mas um acontecimento”.

Um acontecimento antropofágico pode dar-se como afirmação da potência criativa que intermedia encontros com o outro do mundo; “sua função não é limitar, margear, induzir, mas provocar, resistir, gerar possibilidades de invenção de novos



caminhos” (SALES, 2014, p. 292); prática devorativa que pretende aumento de potência por simpatia e combinação; mergulho na lógica das forças caóticas e múltiplas para uma apreensão com o corpo em seu estado vibrátil e potência ativa de produção com o mundo: para que essa produção se oriente numa direção de afirmação da vida e das suas múltiplas existências seria necessário que ela se proponha “por meio de um processo de criação que resulte em transfiguração do *status quo* e não por meio de uma mera criatividade para reproduzir mais do mesmo com novas roupagens” (ROLNIK, 2021, p. 72).

Microfagias de escutas-escritas

Buscando fissuras nos territórios contemporâneos da produção de desejos, propomos experimentações que funcionam como acontecimentos disruptivos das práticas escritas em contextos de formação docente. Chamadas de momentos-oficinas, as *Antropo{grafias}* – *ateliê de devorações escritas* funcionam como um laboratório propositivo, vivencial e itinerante, realizado em diferentes instituições na oportunidade de comporem a programação de eventos acadêmicos e científicos na ampla área da educação. Consistem em espaços de invenção, de provocação sensível, de experimentação com o corpo e as múltiplas linguagens que o atravessam intensivamente. Esses *ateliês antropo{gráficos}* caracterizam lugares em que podemos nos atentar para as potências da criação em sua associação cooperativa, com foco na processualidade antes dos resultados, onde se exercita relações com a diferença e com imagens, sons, ruídos, palavras-outrem. Lugar de encontro em sua perspectiva ativa e afirmativa: um *acontecimento antropo{gráfico}*.

Todo um ambiente é proposto nesses momentos de experimentação coletiva. Em salas de aulas convencionais duas paredes são levantadas em lona, cortando o ar em quatro partes, de cima do teto à base do chão. As carteiras, nessa outra configuração, são organizadas em grupos de seis, direcionadas para o interior angular das paredes móveis, de modo que todos participantes que ali pudessem habitar não tivessem a visão de nenhuma outra pessoa do outro lado, restringindo-se àquelas que ocupavam o mesmo quadrante.

Adentrar a esses espaços, antes sala de aula e agora ateliê de devorações, já é compreendido como ação possível. De um lado, uma mesa com diferentes ferramentas: lápis, pincéis, potes de tintas, tesouras, barbantes coloridos, colas, sacos com temperos, chás e ervas diversas perfumando o ambiente. Nas paredes fixas e móveis, a projeção de uma enorme boca gesticula ininterruptamente palavras que não são ouvidas. Impressões dessa mesma boca compõem outras partes da sala, ao lado de pilhas de cadeiras inutilizadas durante a ação. Numa outra extremidade um aparelho de som alude a algumas interpretações sobre a antropofagia na cultura brasileira. Diferentes vozes cantam, declamam, anunciam uma relação comum: o ato de devorar como possibilidade de relação com o mundo – política, ética e esteticamente falando.

A duração dessa experiência sonora ocupa parte considerável do tempo dos encontros *antropo{gráficos}*. O momento-oficina inicia-se com essas questões levantadas pela audição enquanto o participante adentra ao espaço da sala e procura uma cadeira defronte às paredes de lona. Junto aos sons, caminhamos também por entre os quadrantes declamando textos diversos da literatura, filosofia ou outras palavras urgentes durante o contexto da proposição. Ao final da audição, sem nenhuma cerimônia de abertura, entregamos individualmente a cada participante uma folha de papel-jornal, propondo: *aqui, hoje – imagens, sons e grafias –, o que lhe passa?*

O exercício seguinte será o do silêncio que habita uma escrita em ato. Uma escrita sem regras, sem muitas explicações, sem norte e qualquer gênero – todavia, próxima a uma *performance* sonora já finalizada. A folha de papel em branco traz um convite pelos passeios que as palavras podem apresentar e um embate latente com aqueles clichês que rondam a prática da escrita num contexto procedimental de oficina. Limitamos as orientações ao máximo, a fim de que o ato de escrever possa transbordar outros possíveis da própria escrita. Nesse momento, o silêncio domina o ateliê, mas as palavras gritam no papel.

Depois de recolher todas as produções, trocamos estas entre os presentes, sem identificá-los. Geralmente, distribuímos as produções dos participantes com

aqueles que estão no quadrante oposto, para que não saibam necessariamente nada sobre o outro que está oculto na sala. O desafio, a partir de então, será exatamente cuidar das palavras desse outro que lhe chegam às mãos por meio de uma leitura individual em voz alta daquelas *escritas-outrem*. O ateliê se preenche de múltiplas vozes novamente, dessa vez, a dos próprios participantes.

As paredes de lona que dividem o espaço intensificam a concentração nos textos que são declamados pelo outro lado dessa divisória improvisada. São momentos em que encontros acontecem, reconhecem-se ou se estranham, em um jogo de projeção e apropriação de discursos potentes. *Quem sou eu nas palavras que inventei e que agora são anunciadas pela voz de um outro, mas que tampouco pensei existir?*⁸ As impressões são postas no espaço, a relação eu/outro torna-se difusa, complexa; as palavras se proliferam sobre as paredes de lona que limitam. Ressoam nas imagens ocultas daqueles que as produziram. Trazem memórias de lugares e de personagens. Aproximam locutores e inventores.

Em determinado momento, “deslonar” a visão faz-se vital para a energia daquelas produções intensivas. As paredes de lona, nesse momento, são desmontadas e um universo outro acontece. Uma roda de pessoas passa a compor o ambiente-ateliê, junto com ela as vozes agora conectadas com seus respectivos corpos. Um banquete é proposto: *como devoro este outro que me chega às mãos em palavras, sentidos?*

É chegada a hora da transformação. Indicamos a mesa posta no canto da sala contendo diferentes ferramentas a serem utilizadas nessa tarefa apetitosa. Num instante de criação, devires caracterizam o espaço-ateliê. Nessa lógica, “não se abandona o que se é para devir outra coisa (imitação, identificação), mas uma outra forma de viver e de sentir assombra e se envolve na nossa e a faz ‘fugir’”

⁸ Daqui em diante, utilizamos o *itálico* para sinalizar trechos de produções digeridas durante a exposição das escritas ou as falas dos participantes nas rodas finais de conversas e partilhas nos momentos-oficinas. Esses trechos compõem parte das cartografias realizadas durante as diversas proposições e são socializadas ao término de cada vivência em forma de *leitura-performance*. Aqui, não pretendem uma ordem cronológica ou uma intenção de conectar-se com algum momento específico das proposições, seu lugar de realização ou sujeitos envolvidos. Atravessam o texto como uma colagem de tempos e de espaços, já saboreados anteriormente na produção daqueles registros durante as conversas realizadas.

(ZOURABICHVILI, 2004, p. 24-25). Uma música instrumental invade as novas produções e, quando ao seu término, as ações são apresentadas.

Numa intersecção de limites e de suas probabilidades de convívio e impregnação, três lugares emergem das diferentes preocupações provocadas desses **acontecimentos antropo{gráficos}**: **o encontro**, esse espaço possível para relações surpreendentes; **a escrita**, essa prática de exercício com a palavra que acontece; **o outro**, esse universo além que nos instiga sentidos por corpografias e sonoridades.

Pelo encontro, algo se desenha em contornos e aberturas. Um encontro-gaveta do mundo, da vida e das suas sensações. Entrar num espaço de relações consiste em abandonar certa segurança de uma presença que conhece suas intenções e necessidades. Há sempre alguma coisa a perturbar a ordem das coisas. Um grito insistente pelas frestas de uma divisória improvisada a organizar, dividir, roubar a imagem de uma totalidade que não se quer óptica. Um espaço físico que se pretende um espaço poético, num excesso de estímulos que transbordam os limites do saber e daquilo que pode acontecer. Aleatoriedades forçadamente incorporadas; contaminação de ideias a proliferar ressonâncias; sincronias afetivas vibrando em superfícies múltiplas; inconscientes compartilhados entre vontade e receio.

Do mesmo lado, *cheiro do ausente, do vago, vaga ideia de escrita como navalha a cortar a carne do papel*. Há talheres para todos os tipos de refeição e um jeito próprio de ascender ao sabor de um tempero que promete: *sensações, medos, esperanças, fugas, liberdades*. A escrita aparece ali como num *encanto do tempo, antes da pontuação final, antes do parágrafo*. Surge também na curva de um rio em que palavras se acumulam sobre os galhos das margens, produzem redemoinhos, submergem em profecias densas daquilo que se refere a melancolias do existir. Compreende um texto que se quer rio — *texto-água* — e lembra-nos: não se banha duas vezes nas mesmas palavras.

Atenção aos fluxos, suas acontecências e inconstâncias. A escrita vem também como *blackout, como um grito no grito do outro*, entre berro e silêncio a

ecoar dentro e vibrar para fora; como pedra, dispositivo lançado na superfície do real; *aquilo que se tece em diálogo, trama mística e sagrada*; como distância de uma prática cotidiana e pavimentada; escolha e decisão: *aquilo que fica, quando fica, fica por qual motivo?* Aparece nas sutilezas do cotidiano não escrito, não diagnosticável, ainda por se apresentar. *Não-hábito, não-função. Translucidez em delírio.* Carrega a travessia como ação de vida. *Ato úmido a lavar os sentidos, vicejar paisagens.* Modo de levar as palavras para passear, de caminhar sobre o absurdo dos signos e de suas digressões.

Uma palavra não humana? Ainda produtora de vida? Suja de terra? Outros seres e criaturas? Esforço para criar espaços de vida, isso sim. Para expandir e reduzir as distâncias que há, colocar o pensamento em movimento próprio do escrever, pensar de outra maneira, forjar a si de outros modos, com aquelas memórias presas nas pontas dos dedos, narrativas experimentadas na invenção de lembranças e outros esquecimentos. Registrar e apagar, incorporar diferenças num mesmo lugar. Indaga-se: *a quem interessa colocar ou retirar as intimidades dos sentidos?*

Ao lado, o outro. Em palavras, riscos, grafias, sons. Uma outridade em direções paralelas, cuja lógica das linhas encontrar-se-ão em algum ponto do infinito. Naquele momento em que uma ausência ainda alimenta vestígios de outrora. *O outro numa outrora infinita das sensações.* Estava sempre ali, desde quando uma grafia cortou o suporte do papel. O outro é primeiro quando se pratica as danças das mãos a compor os passos de uma escrita. O outro é escuta atenta e inquieta. Afinal, é sempre na intenção de um depois que uma palavra escrita ensaia sua lógica.

Um território alheio chega por entre as frestas dos sentidos das palavras: *ler também é dar a ver a sensação que escapa ao sujeito escrevente.* Como também, sugerir a fartura da boca que deixa escapar aquilo que lhe é em excesso ou uma falta. É sempre numa possibilidade de se lambuzar com aquilo que é outro num corpo que se faz próprio enquanto aciona as dinâmicas de uma voz; ruído e contemplação. *Copio ou me inspiro?* — eis uma questão a rondar as brechas do

papel. *Nhac!* Devoração com prudência ética: *o que fazer? Situar-se no lugar do outro? Apagar uma presença ou afirmar uma ausência mesmo que desconhecida? Nhac!* O que o outro faz com aquilo que faço com o que é dele?

Preservar as qualidades daquilo que me chega quase pronto, quase vivo, mesmo que frio e ainda por digerir. Amornar relações declamando embates, na conclamação de um levante para a vida em suas multiplicidades de existências e de afetos: *chamar a música das palavras*. Ruídos sobre ruídos. Texto sobre texto. Corpo sobre corpo. Boca sobre as mãos. Experimentar o outro tem a ver com experimentar aquilo que se dá no encontro, na partilha e nas suas bifurcações... Pensar um processo, seus meios e entraves, fluxos e desvios. Transposição de olhares, intenções, instabilidades. *Diálogo? Validação? Adaptação? Modo de compor contrários? Selecionar? Inserir? Destruir?* Uma ação em constante dúvida de seus próprios motivos.

A presença do outro aparece também como herança de uma memória atravessada pelo tempo e pelas suas relações. As palavras parecem emoldurar um alguém disperso pelos corredores de uma lembrança qualquer, aquela mesma modificada a cada vez que reformulada. Recontos nos cantos do conhecido, desconhecido então. Se há um poeta possível em toda palavra que se coloca no mundo, há também um sentido possível a toda vida que na existência se aloja. Ou vários sentidos e variadas existências e várias poesias. Escuta atenta e faminta. Um cuidado com aquilo que produz outro. Ou vários. Possível, imaginável, real. *Nhac!*

Além vista

Os processos acionados pelos momentos-oficinas dizem respeito à construção de espaços físicos inseparáveis de suas dimensões poéticas e sensíveis — ambientes para o exercício de uma escuta dos afetos. Partem do diagnóstico de crise das sensibilidades e abordam o exercício intensivo como lógica de uma atenção vibrátil, de uma ocupação cartográfica e coletiva. Lugar para invenções: produção de sentidos no encontro com as imagens, os sons e as palavras. Acontecimento digressivo, forjado no espaço de disputas micropolíticas, em que a

lógica das forças arrasta o pensamento para uma experimentação em agenciamentos com palavras, sons e imagens, afetando outros modos de ser/estar no mundo em uma proliferação de estímulos e de sensações. Movimento de experimentar o outro, afetar e ser afetado com aquilo que ocorre nos encontros, na partilha, compondo e declamando palavras outras em corpos outros na presença de outros, como algo a se constituir por entre as brechas deixadas pelo som das palavras no espaço da sala a ressoar outro mundo possível.

Pelas *Antropo{grafias}* e seus ateliês devorativos uma superfície sensível e intensiva emerge dos encontros atravessados pelo acontecimento-criar. Envolve práticas de vida e de fabulação que encontram no termo “escribir” seu procedimento de fôlego e de resistência e de ação. É pelo “escribir” que processos transformativos são afirmados e experimentados. A palavra “escritada” habita um lugar diferente da palavra escrita num contexto *antropo{gráfico}*. Ela abre um campo de experimentação para além das funcionalidades das coisas, aquelas rédeas pragmáticas, interpretativas, significativas. A “escritação” coloca a palavra também em seu estado de devir, num estado de possível, numa possibilidade experimental para pegar o acontecimento-escrita pelo meio, na duração em que se presentifica uma provocação catalisadora da produção de palavras e de sentidos para o estar juntos. Distante da intenção de compor um receituário, manual ou método de aferição, as práticas da “escritação” propostas pelas *antropo{grafias}* pretendem mais uma “procedimentologia vivencial” para o envolvimento de si com o outro, daquilo que pode surgir enquanto espaço diferencial mediado pela palavra “escritada”. Seriam nas linhas que resultam desenhos e grafias uma conexão singular da potência dos encontros. Um vestígio de processo, mergulho, contaminação, vibração, sopro.

Referências

BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 2: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007.



Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisa. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago. 2014.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Lisboa: Ourfeu Negro, 2011a.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011b.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. p. 11-37.

FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPEd). 31, 2008, Caxambu. **Anais [...]**: Caxambu, [s. l.], 2008, p. 1-16. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf>. Acesso em: 18 maio 2024.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia zumbi**. São Paulo: n-1 edições; Hedra, 2021.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2007.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

ROLNIK, Suely. Geopolítica da cafetinagem. *In*: FURTADO, Beatriz; LINS, Daniel (org.). **Fazendo rizoma**. São Paulo: Hedra, 2008, p. 25-44.

SALES, Marcos. **Cosmofagia: a arte dos encontros**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

STERZI, Eduardo. **Saudades do mundo: notícias da antropofagia**. São Paulo: Todavia, 2022.

ZORDAN, Paola. Criação na perspectiva da diferença. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 5, n. 5, p. 62–74, set. 2010.



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.